

Orquidário

Volume 4, nº 4, 1990
outubro, novembro e dezembro



Revista
da Orquidário

DIRETORIA

Presidente: Raimundo A. E. Mesquita

Vice-Presidente: Waldemar Scheliga

Diretor da Área Técnica: Álvaro Pessôa

Diretora da Área de Relações Comunitárias: Maria da Penha Fagnani

Diretor da Área Administrativo-Financeira: Yvan Lassance

DEPARTAMENTOS

Exposições e julgamento: Ivana Zubic

Difusão Cultural: Carlos A. Gouveia

Pesquisa, Cultivo e Cursos: Roberto Petersen

Biblioteca: Mário de Abreu Almeida

Sócios: Helena Eyer

Eventos e Relações com Organizações Congêneres: Hans Frank

Secretariado: Helena Eyer

Tesouraria e Finanças: Raul Couto

Patrimônio: Mário de Abreu Almeida

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente: Alexis Sauer

Membros: Felisdoro Bastos Nunes, Luís Clemente Ferreira de Souza, Carlos Eduardo de Britto Pereira e Roberto Agnes

Presidentes Anteriores: Edward G. Kilpatric, 1986/87 e Álvaro Pessôa, 1987/90

REVISTA ORQUIDÁRIO

Editoria: Álvaro Pessôa e Roberto Agnes (021) 541-8361

Comissão Editorial: Carlos Eduardo de Brito Pereira, Waldemar Scheliga, Carlos A. Gouveia e Raimundo Mesquita.

A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de março, junho, setembro e dezembro e é distribuída gratuitamente aos Associados.

Roga-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao Editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativos e nome do fotógrafo, devendo ser identificadas a autoria de desenhos e esquemas, apresentados, sempre, em papel branco e tinta preta. Para fotos a cores os autores deverão remeter, em slide, diapositivo ou o próprio fotolito a ser publicado, com identificação do motivo da foto e nome do fotógrafo. Para remessa de fotolitos contatar, antes, com o Editor para ajuste de dimensões.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês de publicação, deverão ser entregues à Redação com 2 meses de antecedência.

O título da Revista é de propriedade de OrquidaRio, nome que, também, está registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicada, quando não sujeita à reserva de direito autoral, indicada como DR, pode ser reproduzida desde que se indique a origem.

Preços:

1 — contribuição dos sócios:

— fundadores e contribuintes, anuidade de 80 BTNf

— correspondentes: Cr\$ 75 BTNf

— vitalícios por faixa etária:

I — 30 a 40 anos: Cr\$ 65.000,00

V — 61 a 65 anos: Cr\$ 30.000,00

II — 40 a 49 anos: Cr\$ 50.000,00

VI — 65 a 70 anos: Cr\$ 15.000,00

III — 50 a 55 anos: Cr\$ 40.000,00

VII — 71 a 75 anos: Cr\$ 20.000,00

IV — 56 a 60 anos: Cr\$ 25.000,00

VIII — acima de 75: Cr\$ 15.000,00

2 — números atrasados e avulsos, sujeitos a disponibilidade de estoque: Cr\$ 600,00

3 — Publicidade devendo o interessado fornecer o texto e lay-out

3ª capa: 210 BTNf

Página inteira: 190 BTNf

Meia página: 105 BTNf

Quarto de página: 55 BTNf

Oitavo de página: 35 BTNf

4 — Assinaturas para o Exterior: 1 ano: US\$ 15.00 — porte simples

US\$ 23.00 — aérea

2 anos: US\$ 28.00 — porte simples

US\$ 44.00 aérea

3 anos: US\$ 46.00 porte simples

US\$ 62 aérea

Os preços acima poderão ser alterados pela Diretoria sem aviso prévio. A Revista não assume responsabilidade por colaborações assinadas e publicidade.

A correspondência à Revista deverá ser enviada ao Editor, Rua Sorocaba n° 122 — Botafogo, CEP 22.271 — Rio, RJ.

Índice

Conversa com o Editor	pág. 4
<i>Sophronitis</i> contribuindo	pág. 5
<i>Miltonia</i> brasileira. Sua importância para intergenéricos	pág. 8
Catasetum. Algumas espécies brasileiras	pág. 14
A <i>Cattleya labiata</i> no mundo orquidófilo	pág. 23
As variedades de <i>Laelia purpurata</i>	pág. 27
Nossas orquídeas menores. <i>Cirrhea</i> Lindl.	pág. 31
Perguntas e respostas	pág. 33

Índice e créditos de fotos e desenhos

Habitat de <i>Sophronitis</i> Álvaro Pessoa	pág. 5
<i>Sl. Orpetii</i> Álvaro Pessoa	pág. 6
<i>Miltonia cogniauxiae</i> 'Snowflake' M. Carpenter	pág. 8
<i>Miltassia</i> C. M. Fitch 'Traders Point' AM/AOS Não identificado	pág. 10
<i>Degarmoara</i> (Mtssa. C. M. Fitch x <i>Odm. Stropheon</i>) R. Agnes	pág. 11
<i>Beallara</i> Marfitch 'Everglades Galarý' M. Carpenter	pág. 11
<i>Aliceara</i> King Cove 'Auburn Accolade' AM/AOS D. W. Lambert	pág. 12
<i>Vuykstekeara</i> Mem. Mary Kavaraugh 'Viking' AM/AOS Não identificado	pág. 12
<i>Catasetum trulla</i> var. <i>subimberbe</i> R. Jenny	pág. 14
<i>Catasetum trulla</i> R. Jenny	pág. 16
<i>Catasetum saccatum</i> R. Jenny	pág. 18
<i>Cattleya labiata</i> var. <i>lilás</i> 'Florália' J. P. Souza Fontes	pág. 24
<i>Cattleya labiata</i> var. <i>semi-concolor</i> '15 de Março' J. P. Souza Fontes ...	pág. 25
<i>Cattleya labiata</i> var. <i>rubra</i> 'Perpétua' J. P. Souza Fontes	pág. 25
<i>Cattleya labiata</i> var. <i>rubra</i> 'Pompeu' J. P. Souza Fontes	pág. 26
<i>Laella purpurata</i> var. <i>striata</i> 'Canto Grande' O. Tessmer	pág. 27
<i>Cirrhaea silvana</i> V. Paiva Castro Neto	pág. 31

Nosso Próximo Número

No próximo número retomamos a série Híbridos de *Phalaenopsis*, como também sobre o gênero *Oncidium*. Teremos a continuação da série sobre *Catasetums*. Depois dos lindos híbridos criados com as nossas *Miltonias*, será a vez dos feitos com *Oncidiums*, e gêneros afins, para criar intergenéricos dos mais coloridos. Como prometido há um ano, teremos a continuação do artigo "Semeadura sem uso de capela", agora "A vida fora do frasco".

Nossas Capas

Capa — Lc. OrquidaRio

O símbolo da OrquidaRio, todos sabem é *Sophronitis coccinea*, mas a sua mascote é o magnífico híbrido criado por Alexis Sauer, a Lc. OrquidaRio, cruzamento de *Laelia briegei* x Lc. Culmiant, "La Tuilerie". O clone mostrado na capa é cultivado por Alvaro Pessoa, que a fotografou. Num número especial dedicado à contribuição brasileira à orquidofilia internacional, a capa só poderia ser esta.

A foto, na última capa, mostra um bom cruzamento de *Zygopetalum crinitum* com *Colax jugosus*, feito pela Florália, que é um caminho novo para híbridos de *Zygopetalum*. Os primeiros "seedlings" produziram flores bem coloridas, em plantas de porte pequeno.

Conversa com o Editor

O ano que está se encerrando pode ter sido um ano difícil e tenso sob muitos aspectos, mas para o Brasil orquidófilo terá sido um dos mais promissores.

Basta fazer um balanço de tudo que aconteceu neste ano orquidófilo. Espocam iniciativas importantes e nota-se um interesse renovado pela Orquidea. Atividade por toda parte, exposições e mais exposições, com visível melhoria dos padrões de qualidade. A grande imprensa abriu espaços generosos ao assunto.

Nesse quadro, não seria de estranhar a escolha do Brasil, durante a 13ª Conferência e Exposição Mundiais de Orquídeas, para sediar, em 1996, a que será a 15ª.

Forçoso é que reconheçamos, com orgulho e humildade, a contribuição da OrquidaRio para que tudo isso esteja acontecendo.

O ano que termina presenciou acentuada melhoria da Revista, que passou a apresentar-se inteiramente a cores, o que teve uma resposta expressiva no nosso quadro de sócios, credenciando a OrquidaRio no plano internacional, como tem evidenciado a procura de assinaturas, vinda de outros países, e as contribuições, originais, que nos têm vindo do exterior e a encomiástica correspondência que nos chega.

As nossas exposições têm crescido, em volume e qualidade, como foi um bom e marcante exemplo a realizada em outubro pp. que, conduzida pela nossa hábil responsável pelo Departamento de Exposições e Julgamentos, apresentou expressiva quantidade de plantas excepcionais e foi unanimemente considerada das melhores já apresentadas pela OrquidaRio. Pela primeira vez contamos com a participação de cultivadores de outros estados.

Além disso, as nossas exposições têm sido um importante meio, não apenas de difusão de beleza, mas, sobretudo, têm trazido para a sociedade número crescente de sócios. O interesse despertado justificou que, logo em seguida à exposição, se implantasse um Curso de Iniciação, destinado a habilitar os novos participantes dessa caminhada da OrquidaRio a usufruir ao máximo a troca de vivência e experiência com os nossos melhores cultivadores. Infelizmente não foi possível atender a todos os interessados, que nos procuraram tardiamente e, por isso, resolveu a Diretoria que as apostilas do Curso fossem desenvolvidas num pequeno manual de cultivo para iniciantes, que marcará, também, o início de atividade da editora OrquidaRio.

Feito este resumido balanço, cabe tão-só esperar e desejar que 1991 possa ser igualmente próspero em iniciativas e sobretudo em entusiasmo.

Tenham todos paz e tranquilidade e um feliz ano novo.

Contribuições para o Fundo de Apoio à OrquidaRio	
Doador	Finalidade
Maria da Penha Fagnani Gottfried Lenz Geldo Alves Costa Lineu Robert Otto Guilherme Georg	Pesquisas Pulchra Cores na Revista Cores na Revista Cores na Revista

Sophronitis, Contribuindo para a Miniaturização de *Cattleyas*

Álvaro Pessoa*



Habitat da *Sophronitis coccinea*

Serra dos Orgãos

O gênero *Sophronitis* é, foi e será sempre um sucesso mundial. Admirado em todo o mundo, o gênero teve seu apogeu no momento seguinte ao choque do petróleo em 1973. É que os hibridadores com maior visão, perceberam logo que o mercado futuro exigiria plantas de menores dimensões, únicas compatíveis com a redução geral das estufas aquecidas do hemisfério norte. Menores estufas, menores

plantas, este o objetivo perseguido nos anos 80!

O *Sophronitis* apareceu, então, como o grande agente propulsor da mudança, dadas as suas características genéticas, que fazem dele uma verdadeira usina de força redutora de outras plantas. É fácil exemplificar: *Soph. coccinea* reduz 2/3 do tamanho de uma *Lc.* José Dias Castro em uma geração, ao produzir *Slc.* Suzuki. A mesma espécie reduz uma *C. intermedia* a fiapos e a 25% do seu tamanho original, ao ser produzida a *Sc.* Batemaniana. O mesmo fazendo com *C. loddigesii* em *Sc.* Calypso.

* Rua Uruguai, 508/102 — Tijuca — Rio de Janeiro — RJ.

Não foi porém só o tamanho que tornou o *Sophronitis* decisivo. É que a plantinha virtualmente “pinta o sete”. O vermelho original não consegue dominar o amarelo, é verdade. Em compensação acentua o magenta dos lilases; dá cor de pitanga quando cruzada com os tons de laranja; capta o pontilhado das *C. schilleriana* e *C. aclandiae* para transformar-se a si própria em verdadeiros tons de rubi, cria vermelhos inacreditáveis quando cruzada com *C. loddigesii* para gerar *Sc. Calypso* e por aí vai.

É bem verdade que estas vantagens insuperáveis em matéria de cor, são contrabalançadas por um grave defeito de estrutura da haste floral. *Sophronitis coccinea* e *brevipedunculata* (cujo nome já diz tudo, por ter pedúnculo curto) produzem hastes florais mínimas, fazendo com que a flor desabroche junto à folha. Além disso, mesmo quando a haste floral consegue ser longa, ela é flácida, de forma que não tem auto-sustentação e precisa de haste de apoio (muleta). É o que ocorreu com *Slc. Rajah Rubi*, cujo clone mais conhecido no Brasil é a *Babe's Baby*.

Há ainda outro defeito, que o tempo pode curar, quando se utiliza *Soph-*

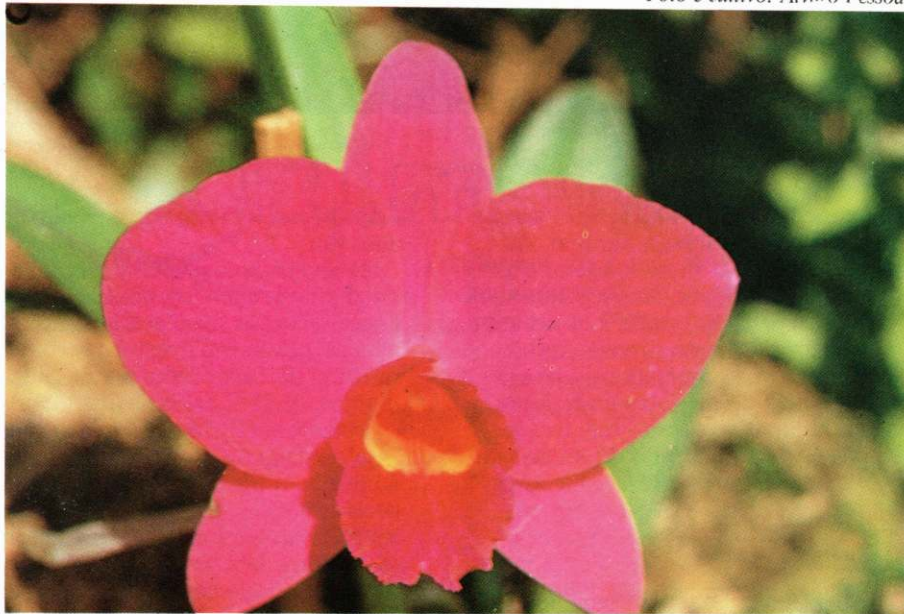
ronitis em hibridação. É o tempo demasiadamente longo de crescimento das plantas. Seus híbridos são de crescimento lento e sem o vigor característico dos cruzamentos.

Todavia, os resultados obtidos compensam a demora. Cruzados com *Laelia pumila* para produzir *Sl. Orpetii*, obtém-se plantas pequenas mas de intenso colorido magenta. Ninguém as fez e faz mais bonitas que Teruio Yano, o cultivador japonês de São Paulo, sempre presente nas exposições da Liberdade. Há em sua versão de *Sl. Orpetii* um segredo! É com as *Soph. brevipedunculatas* escuras (e não com *Soph. coccinea*) que ele chega aos lindos tons que obtém. Este cruzamento foi registrado, originalmente, em 1985, por Seagulls Landing Orchids, como *Sl. Seagull's Crawfish Pie*. Consigne-se que Yano tem 84 anos de idade e segue fazendo cruzamentos! “Se eu não vir os produtos, outros haverão de ver”, diz ele, do alto de sua confiança na orquidofilia futura.

Quando se fala de *Sophronitis*, temos logo a atenção despertada para *Soph. coccinea*. Neste caminho seguiram as hibridações. *Soph. brevipedunculata* é pouco utilizada e o *Soph. witigiana* (roseum) Barbosa Rodrigues,

Sl. Orpetii

Foto e cultivo: Álvaro Pessoa



ainda menos. É bem verdade que Maurício Verboonen, cruzou *Soph. roseum* com *L. pumila* obtendo plantas de cor muito agradável. Entretanto não são comuns, entre nós, cruzas com *Soph. roseum*.

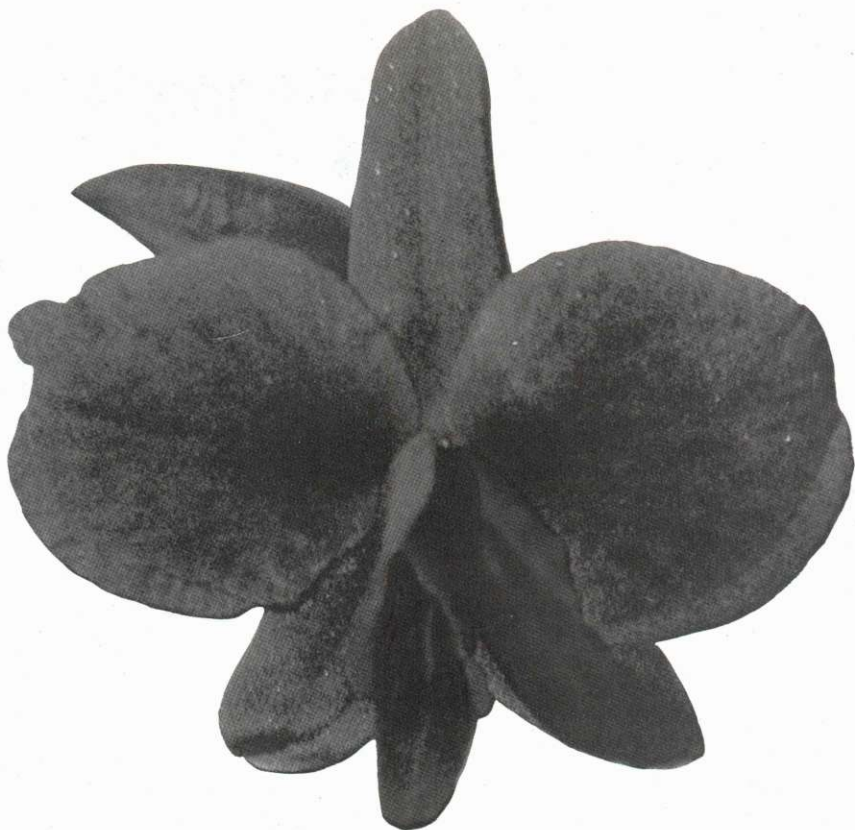
Em algumas cruzas, a cor vermelha dos *Sophronitis* aparece apenas no labelo, dando-lhe tonalidade toda especial. É o que ocorre com *Slc. Orient Amber*, no clone "Flórida", bastante difundido entre nós. A despeito de a base genética da planta ser de *C. dowiana*, áurea, o que lhe dá pétalas e sépalas amarelas absolutamente puras, a flor perdeu o cereja escuro do labelo avelulado, que foi substituído pelo vermelho característico dos *Sophronitis*.

Mais recentemente, os registros da Sander's List of Orchid Hybrids, reproduzidos pela Orchid Review, pas-

saram a registrar também hibridações com *Sophronitis cernua*. F. Fordyce conseguiu resultados excelentes com o uso da *S. cernua*.

As plantas, miniaturas, produzem flores muito coloridas e vistosas. *Sl. Sparklet* resultado de *Sl. Jinn Kam* x *S. cernua*, tem flores amarelo-alaranjadas, com veias vermelhas. Cruzando a *L. rupestris* com *S. cernua* conseguiu-se planta pequena, que produz uma inflorescência alta, com até 12 flores, de cor rosa vivo com labelo lilás escuro.

Enfim, o fato de os *Sophronitis* terem pequenas dimensões, ou serem modestas, o que lhes deu o nome, pois SOPHRON em grego significa modesto, não quer dizer que sejam feias. Na realidade são lindas e um verdadeiro patrimônio nacional.



Miltonia brasileira. Sua importância para intergenéricos tolerantes de calor

Roberto Agnes*

Achei apropriado, neste número dedicado às orquídeas brasileiras, realçar algumas espécies que têm sido tão importantes para hibridação quanto as famosas *Cattleya* e *Laelia*. Rápida olhada em revistas e catálogos de orquídeas permite aferir a enormes presença daquelas espécies. Existe, todavia, uma quantidade expressiva de híbridos com origem nas *Miltonias* e *Oncidiums* brasileiros que são muito cobichados no exterior, mas relativamente desconhecidos no Brasil.

A maioria dos que visitaram nossa exposição anual no Rio Design Center recebeu com grande impacto o arranjo de lindos *Odontoglossums* e *Miltoniopsis*. Infelizmente essas plantas requerem condições climáticas frias para desenvolvimento satisfatório, o que as coloca fora do alcance da maioria dos nossos orquidófilos.

Nos Estados Unidos, particularmente na Flórida e no Havaí (onde as condições não são favoráveis ao cultivo dos intergenéricos de *Odontoglossum*), cultivadores previram que seria possível disseminar estes híbridos se fossem neles introduzidas, espécies com maior tolerância a calor. Dois híbridos, em especial, W. W. Goodale Moir e, mais tarde, Milton Carpenter, tiveram a idéia de usar as *Miltonias* brasileiras e gêneros afins para produzir belos intergenéricos. Os resultados no começo, foram algo desencorajadores, já que muitos traços indesejáveis (inflorescência curta, poucas flores e arranjo pobre das flores na haste), tendiam a dominar nos híbridos de *Odontoglossum*, quase perfeitos até então. Com paciência e a cuidadosa se-

leção de matrizes conseguiu superar-se essas imperfeições e, hoje, os intergenéricos tolerantes a calor são tão vistosos quanto seus primos de clima frio.

Já existia um número de híbridos naturais conhecidos, entre outros:

Milt. bluntii — *Milt. spectabilis* x *Milt. clowesii*

Milt. cogniauxiae — *Milt. regnellii* x *Milt. spectabilis*

Milt. festiva — *Milt. spectabilis* x *Milt. flavescens*

Milt. leucoglossa — *Milt. spectabilis* x *Milt. candida*



Miltonia cogniauxiae 'Snowflake'

Cultivo — M. Carpenter

Exemplo de híbrido natural com *Milt. spectabilis*

Durante certo tempo híbridos foram registrados usando combinações de espécies, híbridos naturais e primários, na esperança de criar uma vistosa *Miltonia* que poderia então servir como matriz para cruzamento com outros intergenéricos. Alguns dos melhores desses híbridos são:

Milt. Bahia — *Milt. Festiva* x *Milt. Purple Queen* W. W. G. Moir, 1962
Milt. Belo Horizonte — *Milt. Rio* x *Milt. William Kirch* W. W. G. Moir, 1965

* Travessa Pepe, 98/201 — Botafogo — Rio de Janeiro — CEP 22.290.

Milt. Fortaleza — *Milt.* Rio x *Milt.* Anne Warne W. W. G. Moir, 1966
Milt. Rio — *Milt.* Festiva x *Milt. regnellii* W. W. G. Moir, 1958
Milt. William Kirch — *Milt.* Bluntii x *Milt. regnellii* W. W. G. Moir, 1958

Embora esses híbridos produzissem flores bastante atrativas, a variação de cores era limitada, a maioria tendo flores púrpuras com labelo de um púrpuro mais claro e, outras, flores amarelas com algumas marcas vermelhas no labelo.

Notou-se então que os híbridos que possuíam a *Miltonia spectabilis* como antepassado, produziam flores maiores e mais planas. Um passo importante foi o uso da *Miltonia spectabilis* var. *Moreliana* com sua grande flor púrpuro-escuro e labelo lilás escuro. Os melhores clones dessa variedade produzem flores com um labelo largo e plano, um fator que se descobriu ser dominante em cruzamentos. Desses híbridos, a *Miltonia* William Kirch parecia ser a matriz mais promissora, já que a *Miltonia regnellii* conseguira alongar a inflorescência da *Miltonia spectabilis* que, por sua vez, dominava na forma e na cor da flor criada.

Posto o crescente interesse em *Miltonia spectabilis*, var. *Moreliana* os hibridadores voltaram-se para alguns dos cruzamentos já existentes que traziam as características dominantes da espécie, sendo os mais promissores:

Milt. Anne Warne — *Milt.* Bluntii x *Milt. spectabilis* M. Warne, 1949
Milt. May Moir — *Milt. spectabilis* x *Milt.* Goodale Moir W. W. G. Moir, 1959
Milt. Purple Queen — *Milt. spectabilis* x *Milt. russelliana* W. W. G. Moir, 1961
Milt. Royal — *Milt. warszewiczii* x *Milt. spectabilis* W. W. G. Moir, 1961

Os melhores clones da *Miltonia* Anne Warne produzem flores de uma intensa e escura cor púrpura com labelo lilás escuro. O formato da flor é similar à *Miltonia spectabilis* e a inflorescência geralmente traz duas flores. Previu-se que a planta poderia ser excelente matriz por sua linda coloração, pe-

lo crescimento rápido e pela facilidade de cruzamento, fator muito importante já que muitos dos híbridos de *Odonoglossum* são pouco férteis. De todos os clones a *Miltonia* Anne Warne 'Alili' é o mais conhecido.

Miltonia Royal produz um número maior de flores por inflorescência. As flores são, na maioria, roxo escuro com o labelo lilás e vermelho.

Miltonia Anne Warne foi usada para produzir vários híbridos de *Miltonia* com resultados bem variáveis. Infelizmente o número de flores permanecia pequeno, mesmo quando cruzada com espécies e híbridos mais floríferos:

Milt. Minas Gerais — *Milt.* Anne Warne x *Milt. candida* W. W. G. Moir, 1965
Milt. Guanabara — *Milt.* Anne Warne x *Milt. regnellii* W. W. G. Moir, 1964
Milt. Victoria — *Milt.* Anne Warne x *Milt.* William Kirch W. W. G. Moir, 1966

Miltonia Minas Gerais produz duas e, às vezes, três flores por inflorescência. A cor é geralmente púrpura escura, com algumas barras marrons/ocres, e o labelo é de uma púrpura brilhante. Vários clones foram usados para produzir excelentes intergenéricos.

Miltonia Victoria provou ser uma boa matriz apesar do formato estrelado de suas flores. A cor varia do rosa até o roxo com o labelo de uma lavanda claro com veias púrpuras.

Resultados mais significativos foram obtidos quando a *Miltonia spectabilis* e seus híbridos foram cruzados intergenericamente. Geralmente o número de flores por inflorescência aumentava e, por seleção cuidadosa das outras matrizes, o hibridador conseguia manter certa tolerância ao calor. Passo importante foi dado com o uso de *Brassias* de clima mais quente para criar o intergenérico *Miltassia*. O uso da *Brassia* tende a aumentar o tamanho da flor, com flores de *Miltassia* atingindo até 13cm de diâmetro e aumento de quantidade de flores. Desvantagens são o estreitamento dos segmentos, que, às vezes, continua como fator dominante durante várias gerações e a tendência a esmaecer as cores fortes já



Miltonia Charles M. Fitch 'Traders Point' AM/AOS
Cultivo — Mrs. Bowmon

obtidas em alguns cruzamentos onde a outra matriz tem flor escura. Apesar disso alguns híbridos se tornaram muito procurados por seus potenciais de hibridação.

Miltassia Cartagena — *Brassia verrucosa* x *Milt.* Anne Warne W. W. G. Moir, 1965. Produz grandes flores estreladas, que medem até 11 cm de diâmetro. Apesar da cor púrpura escura da *Miltonia* Anne Warne, a maioria da progênie produziu flores de cor creme até verde pálido, com listas ou manchas púrpura-avermelhadas. *Miltassia* Cartagena se mostrou uma excelente matriz e, até agora, mais de 25 híbridos foram registrados, número bem elevado quando comparado a outros híbridos de *Odontoglossum*.

Miltassia Charles Marden Fitch — *Brassia verrucosa* x *Milt. spectabilis* C. M. Fitch, 1961, tornou-se a espinha dorsal dos intergenéricos púrpura-vermelhos. As flores estreladas têm pétalas e sépalas roxas com algumas marcas grená-escuras, o labelo varia de lilás a roxo-claro. Nos melhores clones, por exemplo, *Mtssa.* C. M. Fitch 'Samantha', a flor tem substância bastante pesada e o labelo é maior e mais plano. Esse clone tem sido uma excelente matriz e é cobiçado por cultivadores.

Outras *Miltassias* conhecidas incluem:

Miltassia Green Goddess — *Brs. gi-*

reoudiana x *Milt.* Gayety W. W. G. Moir, 1966

Miltassia Olmec — *Brs. Rex* x *Milt.* Minas Gerais W. W. G. Moir, 1975

Miltassia Vino — *Brs. Edvah Loo* x *Milt. regnellii* W. W. G. Moir, 1967

Na geração seguinte, *Miltassia* Cartagena foi cruzada com *Miltonia* Minas Gerais para produzir *Miltassia* Aztec (W. W. G. Moir, 1976). As flores não são tão estreladas como as da *Miltassia* Cartagena, todavia o número de flores por inflorescência caiu com a reintrodução da *Miltonia* Minas Gerais. As flores tendem a variar em cor, os clones mais vistosos têm pétalas e sépalas róseas com barras roxas e o labelo púrpura com desenhos em amarelo. Uma característica importante é a nítida demarcação dos padrões coloridos nos segmentos, um fator muito importante quando se pretende usar uma planta para hibridação.

Quando *Miltassia* Cartagena e C. M. Fitch foram cruzadas com *Odontoglossum* de clima frio, notou-se que a forma da flor da *Miltassia* quase sempre dominava na progênie, mas o número de flores aumentava. Parece que a *Miltassia* Cartagena tende a passar a coloração branca com marcações púrpuras para a descendência. Resultados mais extravagantes foram obtidos com a *Miltassia* C. M. Fitch, a progênie produz flores em tonalidades de rosa-escuro, de vermelho e, até mesmo, de roxo. Vários híbridos de *Odontoglossum* foram cruzados com *Miltassias* e os resultados variam bastante de um híbrido para outro.

Degarmoara Everglade's Sunshine — *Miltassia* Green Goddess x *Odm.* Somelle (Everglades, 1985) produz flores que vão do amarelo ao verde claro com marcas marrom-arroxeadas.

Degarmoara Fitch Harbor — *Miltassia* C. M. Fitch x *Odm.* Perry Harbor (R. Dugger, 1985) tem flores em tons de púrpura, rosa e vermelho.

Degarmoara Starshot — *Miltassia* Cartagena x *Odm.* Golden Ransom (Beall, 1985) produz flores que vão de creme ao amarelo claro com manchas rosa-claro.

Degarmoara Admiralty Islands — *Miltassia* C. M. Fitch x *Odm.* Jackie Gleason tem recebido ultimamente vá-



Degarmoara (Mtssa. C. M. Fitch x Odm. Stropheon) BM/13th WOC
Cultivo — Geyserland Orchids
Um exemplo do avanço em termos de forma e cores intergenéricos. Notar as marcações bem definidas.

rias premiações da AOS. O melhor desses clones têm flores cor de lavanda com marcas grená e o labelo é lilás com desenho amarelo.

Uma das plantas premiadas na Exposição Mundial, na Nova Zelândia foi um híbrido ainda sem registro, *Degarmoara* (*Miltassia* C. M. Fitch x *Odm. Stropheon*). A inflorescência trazia oito flores de aproximadamente 9cm de largura que finalmente começam a parecer com a forma, mais redonda, do *Odontoglossum*, mas mantendo, ainda, o labelo vistoso característico da *Miltassia*.

Introduzindo *Odontiodas* e *Oncidiums* nos cruzamentos, conseguiu aumentar-se a gama de cores. A flor continua sendo dominada pela *Miltassia* tanto na forma, quanto no tamanho, ainda grande.

Beallara Tahoma Glacier — *Miltassia* Cartagena x *Oda*. Alaskan Sunset (Beall, 1970) é, provavelmente, o híbrido mais famoso criado com *Mtssa*. Cartagena. As flores medem até 11cm de largura e são brancas ou creme, com marcas róseas púrpuras. A inflorescência é bastante alta e carrega até seis flores com bom arranjo.

Beallara Tropical Splendor — *Miltassia* Cartagena x *Bllra*. Tahoma Glacier (W. W. G. Moir, 1980) representa um bom exemplo de retrocruzamento. As flores medem aproximadamente 13cm e são quase totalmente brancas com poucas pintas púrpura-avermelhadas no labelo e em volta da coluna. O uso da *Miltassia* Cartagena afinou um pouco os segmentos, mas estas plantas são bastante tolerantes ao calor, o que facilita o cultivo para quem não tem estufa resfriada.

Beallara Marfitch — *Miltassia* C. M. Fitch x *Oda*. Freemar (R. Dugger, 1983) exemplifica o que pode ser alcançado com o uso correto das *Odontiodas* floríferas. Esse cruzamento produziu vários clones bem distintos, o melhor dos quais tem flores de 13,5cm de diâmetro. As pétalas e sépalos têm uma base branca e são cobertas com marcas púrpuras e rosa brilhante, o grande labelo franjado é lilás com padrões roxos, brancos e amarelos. Essas flores têm substância excelente e são duradouras.



Beallara Marfitch 'Everglades Galaxy'
Cultivo — M. Carpenter

Para conseguir manter a tolerância ao calor, vários híbridos foram feitos usando os *Oncidiums* brasileiros. Esses *Oncidiums* tendem a introduzir a cor marrom na progênie e em alguns casos o marrom quase que cobre a totalidade das pétalas e sépalos.

Aliceara Alice — *Mtssa*. Ballet x *Onc. varicosum* (W. W. G. Moir, 1969)

Aliceara Dancing Lady — *Mtssa*. Festive x *Onc. varicosum* (W. W. G. Moir, 1968)

Aliceara Maury Island — *Mtssa*. Vino



Aliceara King Cove 'Auburn Accolade' AM/AOS Cultivo — Beall Orchid Company
A gama de cores ficou maior com o uso de *Oncidium*.

x *Onc. marshallianum* (Beall, 1975)
Aliceara Monte Cristo — Mtssa. Cartagena x *Onc. varicosum* (Beall, 1973)
Aliceara Surprise Creek — Mtssa. C. M. Fitch x *Onc. varicosum* (Beall, 1974)

O clone *Aliceara Maury Island 'Fantasy'* produz inflorescências compridas com até dez flores grandes que são verde claro, com marcas marrom-púrpuras, e o labelo é rosa com manchas roxas.

Com o uso de híbridos de *Oncidium* os resultados foram melhores ainda. Conseguiu-se obter cores mais vibrantes e muitas plantas já têm recebido premiações da AOS. Cruzamentos que têm clones premiados incluem:

Aliceara Dorothy Oka — Mtssa. Cartagena x *Onc. Elegance* (W. W. G. Moir, 1976)

Aliceara Mem. Teruo Oka — Alcra. Dorothy Oka x *Brs. gireoudiana* (E. Oka, 1981)

Aliceara Sunday Best — Brassidium Gilded Urchin x *Milt. spectabilis* (R. McLellan, 1981)

A maioria das plantas tem flores que vão do verde água ao amarelo com barras e manchas castanho-escuro ao roxo, o labelo varia de rosa-claro a laranja com veias e pintas vermelhas. Um fator importante é o sensível aumento do número de flores. Muitos desses híbridos produzem de oito a quatorze flores por inflorescência, medindo até 10,5cm de diâmetro. Muitos cruzamentos têm sido feito com essas

Alicearas, especialmente com *Odontoglossums* floríferos e de flor grande. Os primeiros 'seedlings' estão para florescer e acredito que essa nova geração deve trazer surpresas bem agradáveis.

Várias tentativas foram feitas de se cruzar *Miltonia spectabilis* var. *Moreliana* diretamente com os *Odontoglossums*, na expectativa de melhorar a tolerância ao calor e de criar uma flor bem vistosa. A maioria dessas tentativas falhou fragorosamente; as plantas têm fraco crescimento e as flores são geralmente deformadas. Dois híbridos, contudo, deram excelentes resultados:



Vuylstekeara Memória Mary Kavanaugh 'Viking' AM/AOS
Cultivo — Golden Gate Orchids

Vuylstekeara Memoria Mary Kavanaugh — Milt. spectabilis x *Oda. Elpheon* (Golden Gate Orchids, 1987)
Vuylstekeara Royal Tapestry — Milt. spectabilis x *Oda. Lutix* (R. McLellan, 1981)

Ambos os híbridos têm inflorescência ereta e comprida que traz entre sete e doze flores.

Vuyl. Mem. Mary Kavanaugh recebeu várias premiações da AOS. As flores costumam ser de uma púrpura averdado, com o labelo rosa-escuro e com uma máscara vermelha.

Vuyl. Royal Tapestry 'Gary Turpin' AM/AOS é o melhor clone de todos e é muito promissor como matriz. Numa boa floração é possível obter doze grandes flores lilases com marcas púrpuras e um grande e plano labelo lilás.

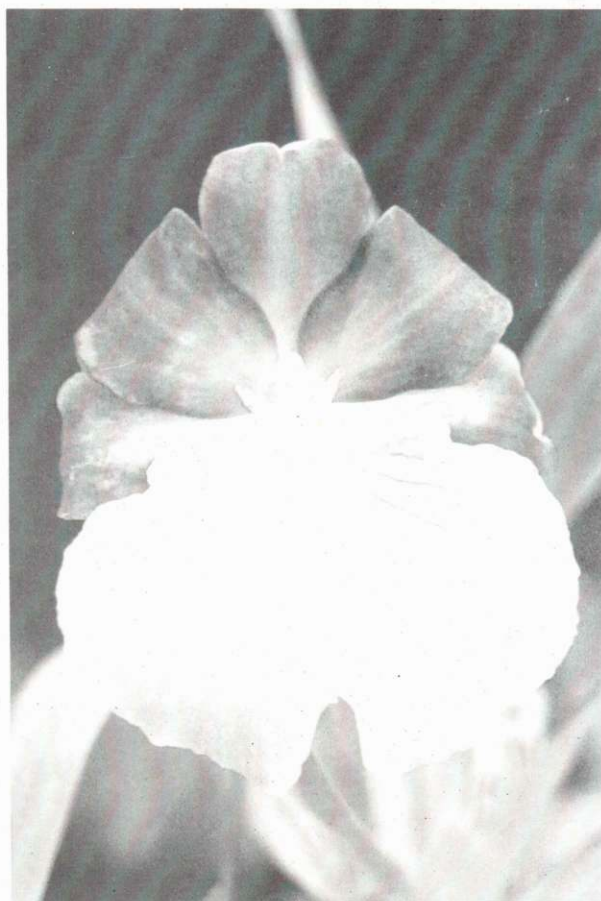
Cruzamentos já foram feitos com ambos e existe grande expectativa em relação à progênie.

Muitos degraus tiveram que ser galgados desde os primeiros híbridos, de poucas flores e cores embaçadas. Com os resultados espetaculares alcançados, depois, há um interesse renovado por nossas *Miltonias* e, nos EUA, a forma tetraplóide de *Miltonia spectabilis* var. *Moreliana* está sendo usada com grande interesse. Espero que, em futuro próximo, orquidófilos terão a possibilidade de cultivar esses magníficos intergenéricos sem ter que se preocupar com o calor do verão.

No próximo número trataremos de híbridos de *Oncidium*s e outros gêneros afins.

Referências

- MOIR, W. W. Goodale & May. 1982. Creating Oncidiinae Intergenerics Sander's List of Orchid Hybrids. London. The Royal Horticultural Society.



O Prof. Rudolf Jenny, da Universidade de Berne, Suíça, é um grande especialista em *Catasetum*. Escreveu, especialmente, para *Orquidário*, um longo texto em que procura rever, de forma ordenada e sistematizada, a espécie. Com a sua autorização alteramos a ordem de apresentação do seu texto, para, neste número) apresentar espécies brasileiras, menos conhecidas e menos cultivadas, dessa planta que é um desafio para os cultivadores (cf. Vitorino

Paiva Castro Neto, *Orquidário*, Vol. 4, nº 1, 7/9).

Aliás, o Prof. Jenny está solicitando, por nosso intermédio, a quantos possam ajudá-lo, que lhe remetam (endereço no rodapé desta página) informações, slides, plantas vivas, flores em álcool, indicação de habitats etc., dos *Catasetum* naso, *charlesworthii* e *sanguineum*. Prontifica-se o autor a, mediante ajuste prévio, reembolsar despesas.

Catasetum, algumas espécies brasileiras

Rudolf Jenny*

Catasetum trulla Lindley (1840)
Cypripedium socco Velloso (1827)
Paphiopedilum socco (Velloso) Pfitzer (1894)



Catasetum trulla Ldl.
Foto e cultivo Rudolf Jenny.

Ocorrência:

Sul do Brasil, nos Estados do Paraná e São Paulo.

Características Confundíveis:

Catasetum trulla apesar de sua grande variabilidade, é uma espécie restrita, com características próprias e inconfundíveis.

Variedades:

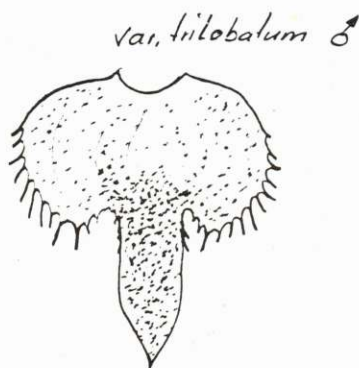
Essa espécie é extremamente variável, tanto na forma, como no colorido da flor masculina. O colorido das flores vai desde o verde puro até o vermelho intenso ou pintalgado de castanho. Também se conhecem formas com flores totalmente vermelhas. As seguintes variedades de *Catasetum trulla* foram descritas até agora:

Catasetum trulla var. *liechtensteinii* (Kränzlin) Mansfeld (Feddes Repertorium 31:107.1933) sin. *Catasetum liechtensteinii* Kränzlin (Gardeners' Chronicle 11:171.1892)

A primeira descrição dessa forma foi feita por Kränzlin, em 1892 no Gardeners' Chronicle, mediante uma planta da coleção de W. Lauche de Liechtenstein. O local da origem da planta é desconhecido. No mesmo ano

* Rudolf Jenny Moosweg — 3112 — Allmendingen — Suíça.

KRÄNZLIN publicou, no terceiro tomo da *Xenia Orchidacea* (iniciada por REICHENBACH e concluída por aquele) mais uma descrição detalhada, acompanhada de uma prancha da flor (*Xenia Orchidacea* 3:97 & t. 253/254.1892). A figura mostra, nitidamente, um labelo fortemente trilobado com o lóbulo frontal um pouco alongado e ligeiramente mais largo, acuminado e levemente franjado na orla. Em 1932 MANSFELD em sua monografia sobre o gênero *Catasetum* reclassificou essa espécie como uma variedade de *Catasetum trulla*.



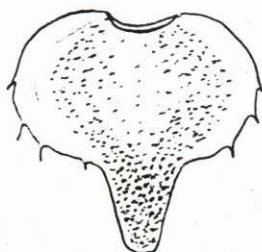
Catasetum trulla var. *trilobatum* Schltr. ex Mansf.

(Feddes Repertorium 31:107.1933)

De acordo com afirmação de MANSFELD, essa forma também apresenta, de maneira marcante, um labelo trilobado, com lóbulo frontal acuminado. A planta foi coletada por A. C. BRADE (nº 8.038) em Iguape, Morro das Pedras, no Estado de São Paulo. O material enviado por BRADE para SCHLECHTER, em Berlim, pôde, ainda, ser visto por MANSFELD, quando da realização de sua revisão. Porém, em 1943, com a destruição total do acervo do herbário de Berlim, o material ficou perdido. SCHLECHTER tinha anotado o nome *Catasetum trulla* var. *trilobatum* na folha do herbário, mas omitiu a publicação válida do mesmo. Tudo indica que SCHLECHTER tinha em mãos material com forma comparável ao *Catasetum liechtensteinii* Kränzlin. Partindo do pressuposto que *Catasetum trulla* var. *trilobatum* e *Catasetum liechtensteinii* sejam sinônimos para a

mesma forma e aceitando a transferência desta para uma variedade, o nome *Catasetum trulla* var. *liechtensteinii* tem a primazia, considerando-se de um lado a sua precedência histórica e de outro por ter sido publicado validamente em 1892, o que não aconteceu com *Catasetum trulla* var. *trilobatum*.

var. *subimberbe* ♂



Catasetum trulla var. *subimberbe* Rchb.f.

(Gardeners' Chronicle ser. 3,2:552.1887)

Essa forma tem o labelo com a orla praticamente sem franjas e com uma coloração um pouco diferente. Ela pertencia a coleção de John DAY, Inglaterra, e foi importada do Brasil pela firma SANDER. Também nesse caso não dispomos de uma ilustração da flor, embora a inflorescência depositada no herbário de REICHENBACH, em Viena, tenha vindo da coleção de John DAY e sabendo-se que DAY desenhava, pessoalmente, suas orquídeas antes de entregá-las para classificação ao "professor", como muitas vezes se referia à REICHENBACH, em tom jocoso e irreverente. Recentemente, apareceu nos Estados Unidos uma planta cujas flores correspondem perfeitamente à descrição feita por REICHENBACH do *Catasetum trulla* var. *subimberbe*.



Catasetum trulla Ldl.
Foto e cultivo: Rudolf Jenny.

Catasetum trulla var. *maculatissimum* Rchb.f.
(Gardeners' Chronicle ser. 3,3:168.1888)

Aqui trata-se simplesmente de uma variação, com pintas mais grossas e intensas, do tipo normal de *Catasetum trulla*. A planta pertencia à coleção de BULL, Inglaterra. Lamentavelmente, não existe uma ilustração dessa forma que nos permita uma avaliação de seu "status".

Catasetum trulla var. *trulla* MANSFELD
(Feddes Repertorium 31:107.1933)

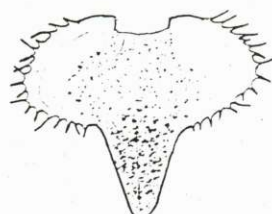
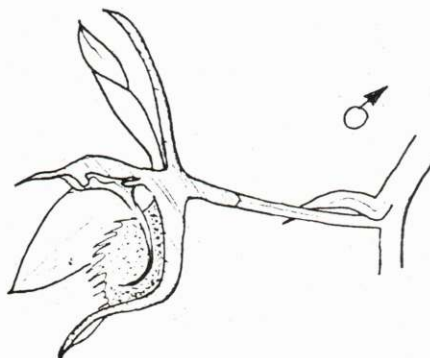
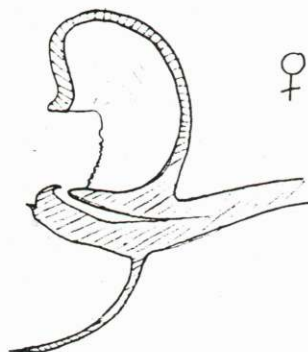
Com essa denominação MANSFELD pretendeu sublinhar a forma normal de *Catasetum trulla* e destacá-la claramente das variedades.

Catasetum trulla var. *vinaceum* Hoehne
(Expedição Científica Roosevelt-Rondon Anexo 2, Botânica 38 & t. 22.1914)

A forma dessa planta, oriunda do Estado de Mato Grosso, não pertence a *Catasetum trulla* e sim, a *Catasetum atratum*. Lindley. As flores mostram um labelo côncavo, unilobado, com a

porção frontal bem larga e obtusa, assim como a orla escassamente dentilhada. A ilustração mostra a inflorescência aprumada.

CATASETUM TRULLA



16. 8. 1981/7c

Histórico:

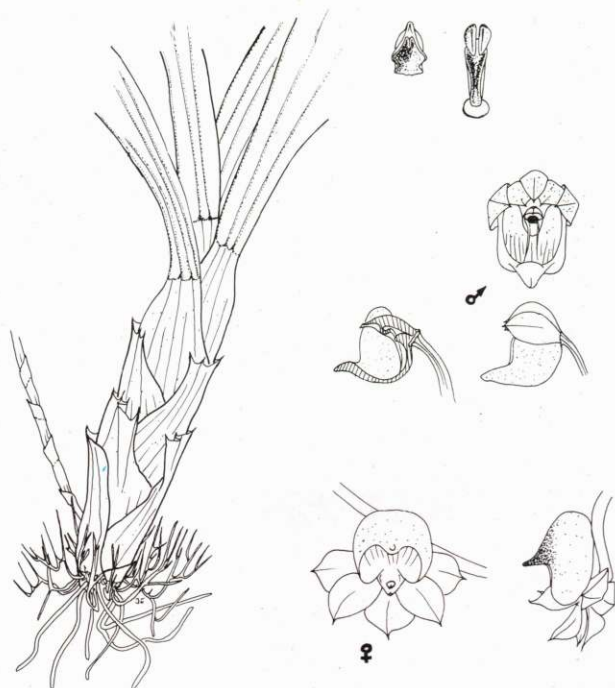
A história de *Catasetum trulla* teve início em 1827 com a denominação *Cypripedium socco*. Com esse nome, Frei VELLOSO publicou, na Flora Fluminensis, uma descrição e a ilustração de uma planta coletada nas cercanias ainda inabitadas de São Paulo. Essa descrição ficou durante longo tempo desconhecida e PFITZER ao empreender a revisão dos *Cypripediinae* em 1895, modificou a denominação para *Paphiopedilum socco*. Somente em 1903, ao realizar a revisão detalhada do gênero *Paphiopedilum*, PFITZER se deu conta da verdadeira relação dos fatos e constatou que, na realidade, *Paphiopedilum socco* pertencia ao gênero *Catasetum*.

O nome *Catasetum trulla* foi publicado por LINDLEY em 1840 no Ewards' Botanical Register, com base numa planta importada da América do Sul por RIGBY, Inglaterra. A descrição foi realizada mediante uma inflorescência de flores masculinas, conforme se verifica claramente pela prancha publicada mais tarde na mesma obra. Foi REICHENBACH quem reconheceu que a classificação *Cypripedium*

socco, de Frei VELLOSO, na realidade, deveria classificar-se como *Catasetum trulla* de LINDLEY. Ele publicou, isto, em 1861, na sua obra abrangendo toda família *Orchidaceae*, a Walpers Annales Botanices Systematicae.

Não é de admirar que a publicação de Frei VELLOSO praticamente tenha caído no esquecimento e passado despercebida por longo tempo. A Flora Fluminensis é uma obra raríssima nas bibliotecas e, por isso, difícil de ser encontrada. Entretanto, está provado, sem dúvida, que a prancha de Frei VELLOSO representa uma planta de *Catasetum trulla* com uma inflorescência com flores masculinas, embora a inflorescência tenha sido desenhada de maneira diferente da habitual, ou seja, ereta e as flores apareçam com o labelo invertido.

Das variedades acima mencionadas somente *Catasetum trulla* var. *liechtensteinii* (Kränzlin) Mansfeld e *Catasetum trulla* var. *subimberbe* Rchb.f. representam variedades legítimas. *Catasetum trulla* var. *maculatisimum* Rchb.f. é apenas uma forma divergente na coloração e *Catasetum trulla* var. *vinaceum* Hoehne é *Catasetum atratum*.



Catasetum saccatum Lindley (1840)
Catasetum baraquinianum Lemaire (1862)

Catasetum christyanum Rchb.f. (1882)

Catasetum christyanum var. *obscurum* Rchb.f. (1884)

Catasetum colossus Schlechter (1925)

Catasetum histrio Klotzsch ex Rchb.f. (1856)

Catasetum saccatum var. *christyanum* (Rchb.f.) Mansfeld (1932)

Catasetum saccatum var. *eusaccatum* Mansfeld (1932)

Catasetum secundum Klotzsch ex Rchb.f. (1856)

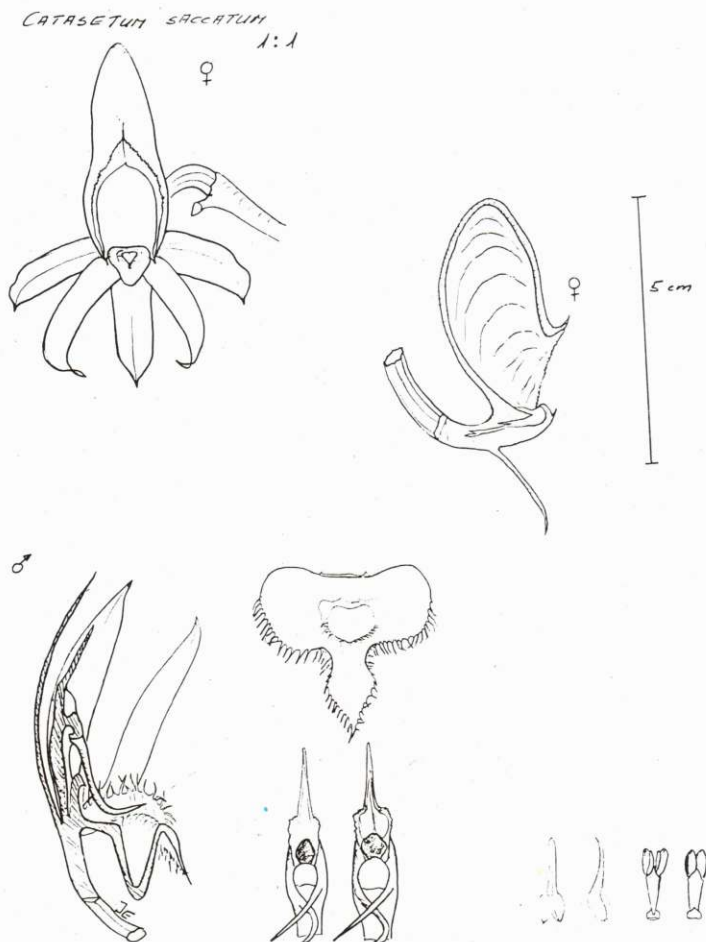
Ocorrência:

Catasetum saccatum disseminado numa grande área, desde a Venezuela,

passando pelas Guianas até o Brasil, alcançando as fronteiras da Colômbia e do Peru. Também, na Bolívia, nas baixadas do lado atlântico dos Andes foram encontradas plantas de *Catasetum saccatum*.

Características Confundíveis:

Essa espécie é muito variável na coloração e forma da flor, mas, mesmo assim, dificilmente poderá ser confundida com outras espécies. A forma singular da cavidade labial e o labelo — com uma única exceção — trilobado com a orla longa e densamente franjada, são características inconfundíveis.



Variedades:

Ao longo do tempo foi sendo descrita grande quantidade de variedades de *Catasetum saccatum*. Em alguns casos trata-se apenas de formas alteradas, na coloração ou dimensão da flor e, em outros, as análises descritivas realmente acusam diferenças na constituição da flor em relação a *Catasetum saccatum* sensu LINDLEY. As seguintes variedades podem ser consideradas válidas:

Catasetum saccatum var. *chlorops* (Rchb.f.) Mansfeld
(Feddes Repertorium 30:272.1932)
sin. *Catasetum saccatum* var. *christyanum* foma viride Hoehne
(Flora Brasílica 12: part. 6.94.1942)
sin. *Catasetum christyanum* var. *chlorops* Rchb.f.
(Gardeners' Chronicle 17:628.1882)

Essa variedade foi descrita em 1882 por REICHENBACH baseado em material proveniente da coleção de CHRISTY, Inglaterra, com a denominação de *Catasetum christyanum* var. *chlorops*. No Scrap Books, de John DAY, encontra-se uma nítida ilustração da mesma. As flores correspondem sem dúvida à forma de *Catasetum saccatum*, porém, de cor verde. MANSFELD modificou a denominação para *Catasetum chlorops*. O mesmo se aplica à forma puramente verde de *Catasetum christyanum* descrita por HOEHNE em 1942. As avaliações assim unificadas representam a variante verde da forma normal de *Catasetum saccatum*.

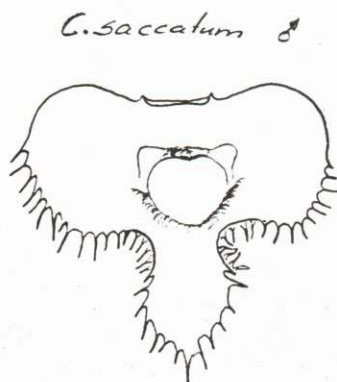
Catasetum saccatum var. *incurvum* (Klotzsch) Mansfeld
(Feddes Repertorium 30:272.1932)
sin. *Catasetum cruciatum* Schlechter
(Orchis 10:183, fig. 43.1916)
sin. *Catasetum incurvum* Klotzsch
(Otto & Dietrichs Allgemeine Gartenzeitung 22:178.1854)
sin. *Catasetum saccatum* var. *pliciferum* Rchb.f.
(Gardeners' Chronicle 1889:1182)
sin. *Catasetum stupendum* Cogniaux
(Journal des Orchidées 6:13.1895)

Essa variedade tem como base o *Catasetum incurvum* descrito por KLOTZSCH em 1854. As ilustrações de *Catasetum incurvum* Klotzsch (Gardeners' Chronicle 1855:4) e *Catasetum*

stupendum Cogniaux (Lindenia 9:t.487.1895), mostram tratar-se de uma flor com labelo oval, unilabiado, orla fartamente franjada e de coloração verde mais ou menos uniforme. A mesma forma floral mostra o tipo da variedade *Catasetum saccatum* var. *pliciferum* descrita por REICHENBACH. A mudança da denominação *Catasetum incurvum* Klotzsch — o mais antigo desse grupo — para *Catasetum saccatum* var. *incurvum*, foi feita por MANSFELD, em 1932.

Catasetum saccatum var. *album* hort.
ex Pabst & Dungs
(Orchidaceae Brasiliensis 1:233, fig. 1.566 a 1.975)

Essa variedade, até agora, só foi encontrada uma única vez, ilustrada e designada com um nome por Pabst & Dungs. A aquarela mostra claramente um albino, branco puro, de um *Catasetum saccatum* normal.

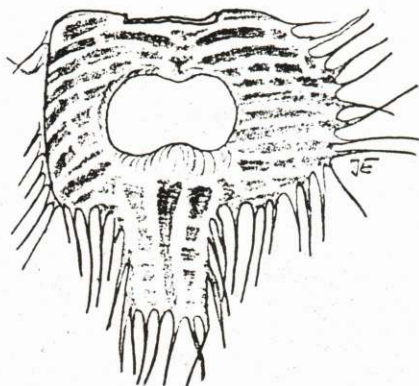


Histórico:

Catasetum saccatum foi descrito por John LINDLEY no Edwards' Botanical Register (26: misc. 76. 1.840). A planta sobre a qual foi feita a descrição aparentemente veio da Guatemala, importada por LODDIGES, Inglaterra. A origem da planta é duvidosa porquanto até agora não se conhece qualquer ocorrência dessa espécie na Guatemala. Além disso, sabemos que os importadores muitas vezes declaravam, proposadamente, falsa procedência para, assim, despistar os concorrentes. A descrição foi feita sem ilustração. No mesmo ano, porém, publicou-se uma ilustração, presumi-

velmente baseada na planta original de LINDLEY. REICHENBACH, em 1856, ao revisar antigas coleções de orquídeas de RUIZ & PAVON, do Peru, publicou os resultados na revista *Bonplandia* mencionando não só *Catasetum saccatum*, como também dois sinônimos do mesmo: *Catasetum histrio* Klotzsch e *Catasetum secundum* Klotzsch. No caso desses dois nomes trata-se evidentemente de nomina nudum, ou seja: nome mencionado em alguma publicação, porém, sem descrição, nem ilustração.

var. christyanum ♂



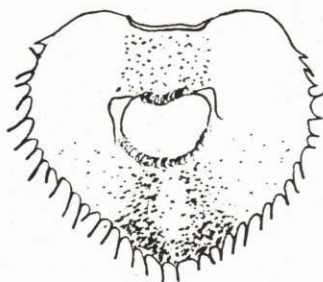
Catasetum christyanum foi descrito por REICHENBACH no *Gardeners' Chronicle* (17:588.1882), mediante material da coleção de CHRISTY. O exemplar tipo existente no Herbário de REICHENBACH em Viena, mostra nitidamente que *Catasetum christyanum* representa simplesmente uma variação na cor um pouco mais escura do que a de *Catasetum saccatum* e com pétalas e sépalas ligeiramente mais largas. Novamente foi Rudolf MANSFELD que em 1932 transferiu *Catasetum christyanum* para a espécie *Catasetum saccatum*, com a denominação de *Catasetum saccatum* var. *christyanum*. *Catasetum christyanum* var. *obscurum* também criado por REICHENBACH em 1884, apenas representa uma variação da cor de *Catasetum saccatum* var. *christyanum*. Essa planta também pertencia à coleção de Christy.

Catasetum baraquinianum foi descrito e ilustrado por Charles LEMAI-

RE, em 1862, sobre material fornecido por BARQUIN do Brasil. A ilustração mostra com certa clareza tratar-se de uma forma idêntica com *Catasetum saccatum*.

O nome *Catasetum colossus* foi publicado por Rudolf SCHLECHTER nos encartes do *Botanisches Centralblatt* (42:118.1925). A descrição foi feita simultaneamente com plantas de outras espécies de *Catasetum* coletadas por HUEBNER no Brasil. Infelizmente não existe mais o tipo, nem a ilustração dessa espécie. Na opinião de MANSFELD, que, em 1932, ainda teve ocasião de ver o tipo, trata-se de uma forma de *Catasetum saccatum* com flores maiores.

var. incurvum ♂



Catasetum incurvum Klotzsch, foi descrito por KLOTZSCH no *Allgemeine Gartenzeitung* (22:178.1854) baseado numa planta da coleção de MATTHIEU. De acordo com os dados fornecidos por KLOTZSCH, a planta foi coletada por WARSCEWICZ, no Peru. Lamentavelmente, segundo informações de MANSFELD, o tipo dessa espécie não mais existe. REICHENBACH, em 1861, ao revisar o gênero *Catasetum*, colocou essa espécie entre *Catasetum saccatum* e *Catasetum colossus*, no *Walpers Annales Botanices Systematicae*. A transferência de *Catasetum incurvum* para uma variedade de *Catasetum saccatum* só se realizou em 1932 por intermédio de MANSFELD.

Catasetum stupendum foi descrito, por COGNIAUX em 1895, e publicado sem ilustração, no *Journal des Orchidées*. Somente alguns meses mais tarde, a ilustração saiu publicada na *Lindenia* e a prancha mostra, nitidamente, tratar-se de um sinônimo do an-

tigo *Catasetum incurvum* Klotzsch. A planta de COGNIAUX foi coletada no Peru, provavelmente por WARSCEWICZ. Também nesse caso MANSFELD procedeu a transferência para *Catasetum saccatum*.

Catasetum cruciatum foi mencionado pela primeira vez por SCHLECHTER na revista Orchids e, um ano mais tarde, na mesma revista, fez a descrição válida e com ilustração. A planta veio por intermédio da firma BEY-RODT de Berlim para a coleção do Barão von FUERSTENBERG e dali para SCHLECHTER. Pela ilustração nota-se uma forma entre o *Catasetum saccatum* e *Catasetum saccatum* var. *incurvum*, com ascendência maior para a última. A mudança para *Catasetum saccatum* foi efetuada por MANSFELD.

Resumindo, pode observar-se, claramente, a existência de dois grupos distintos. De um lado as formas com labelo unilobado, geralmente de cor verde, com máculas vermelhas mais ou menos pronunciadas ou orla vermelha. A esse grupo pertencem as seguintes classificações:

Catasetum saccatum var. *incurvum* (Klotzsch) Mansfeld

Catasetum cruciatum Schlechter

Catasetum incurvum Klotzsch

Catasetum saccatum var. *pliciferum* Rchb.f.

Catasetum stupendum Cogniaux

O segundo grupo abrange todas as formas que se enquadram na descrição de *Catasetum saccatum*, sensu Lindley, e apresentam o labelo trilobado e a coloração variada desde o branco pleno, passando pelo verde e vermelho escuro:

Catasetum saccatum Lindley

Catasetum baraquinianum Lemaire

Catasetum christyanum Rchb.f.

Catasetum christyanum var. *obscurum* Rchb.f.

Catasetum colossus Schlechter

Catasetum histrio Klotzsch ex Rchb.f.

Catasetum saccatum var. *album* hort. Pabst & Dungs

Catasetum saccatum var. *chlorops* (Rchb.f.) Mansfeld

Catasetum saccatum var. *christyanum* (Rchb.f.) Mansfeld

Catasetum saccatum var. *christyanum* forma viride Hoehne

Catasetum saccatum var. *eusaccatum* Mansfeld

Catasetum secundum Klotzsch ex Rchb.f.

Nessa classificação foram incluídas as formas de cor verde e albino. Ambas podem permanecer como variedades válidas.

Catasetum ochraceum Lindley (1844)

Catasetum bergoldianum Foldats (1968)

Catasetum inornatum Schlechter (1901)

Catasetum labiatum Rolfe non Barb. Rodr. (1901)

Catasetum lehmannii Regel (1880)

Ocorrência:

Brasil, Colômbia e Venezuela.

Características Confundíveis:

Essa espécie é estreitamente relacionada com um grupo de espécies semelhantes como *Catasetum luridum* (Link) Ldl., *Catasetum hookeri* Ldl. e *Catasetum globiflorum* Hooker. *Catasetum ochraceum* se diferencia dessas espécies principalmente pela disposição espaçada das flores sobre a inflorescência, pelo frontal do labelo liguliforme, assim como pela cor amarela bastante constante.

Variedades:

Catasetum ochraceum aparentemente não varia na forma nem na cor da flor. Isso pode ser explicado pelo fato dessa espécie ser muito pouco coletada e cultivada. Daí resulta pouco material para uma avaliação precisa quanto a variabilidade da mesma.

Histórico:

Catasetum ochraceum foi descrito por LINDLEY, em 1844, no Edwards' Botanical Register com base numa planta coletada por HARTWEG. Este encontrou-a na Colômbia, Província de Bogotá e enviou-a à Royal Horticultural Society na Inglaterra, onde mais tarde floresceu. A primeira estampa colorida de *Catasetum ochraceum* somente foi publicada em 1969 por L. A. GARAY na Orquideologia.

A ilustração é de uma planta coletada por Rodrigo ESCOBAR, na Colômbia. No texto que acompanha a ilustração, GARAY se refere à estampa de *Catasetum ochraceum* na Flora Brasileira de HOEHNE, qualificando-a como uma péssima caricatura da planta. Realmente a prancha de HOEHNE não permite a identificação de *Catasetum ochraceum*.

Sinônimo de *Catasetum ochraceum* é *Catasetum bergoldianum* descrito por E. FOLDATS em 1968. A planta foi coletada por BERGOLD na Venezuela.

Igualmente idêntico com *Catasetum ochraceum* é *Catasetum inornatum* Schlechter. A descrição foi publicada na revista Orchis e a planta é originária da Colômbia, importada pela firma alemã HENNIS. Infelizmente o tipo de SCHLECHTER também se perdeu em 1943. MANSFELD porém no decorrer da revisão que empreendeu do gênero *Catasetum*, em 1932 e 1933, certamente ainda teve ocasião de manusear esse tipo e constatou que a avaliação feita por SCHLECHTER se ajusta ao *Catasetum ochraceum*.

Em 1901, R. A. ROLFE, então Curador em Kew, publicou o nome *Catasetum labiatum*. A planta ilustrada era do Brasil, coletada na Serra dos Órgãos e foi cultivada em Kew. ROLFE mencionou que as flores femininas dessa espécie já teriam sido descritas por BARBOSA RODRIGUES com a denominação de *Catasetum labiatum*. Pesquisas posteriores, porém, provaram que o *Catasetum labiatum* de ROLFE é idêntico ao *Catasetum ochraceum*, sensu Lindley, e sem nenhuma relação com a descrição de BARBOSA RODRIGUES de *Catasetum labiatum*.

De Edouard REGEL partiu o nome *Catasetum lehmannii*. A planta foi coletada por F. C. LEHMANN, na Colômbia e enviada para REGEL, do Imperial Jardim Botânico, em São Petersburgo, na Rússia. REGEL divulgou a descrição em 1880 na revista Acta Horti Petropolitani e pouco depois, publicou na revista Gartenflora uma ilustração de *Catasetum lehmannii*. Essa estampa demonstra, claramente, a identidade dessa espécie com *Catasetum ochraceum*.

(Continua no próximo número)

A *Cattleya labiata* no Mundo Orquidófilo

*João Paulo de Souza Fontes**

Desde que o Mundo é Mundo, que o ser humano anda à procura do Belo. É dentro deste princípio que a formação dos povos tem se desenvolvido, criando para a posteridade seus trabalhos arquitetônicos, artísticos, científicos e culturais, que hoje apreciamos e que serão eternos.

Foi com grande sacrifício que nossos antepassados orquidófilos nos deixaram obras quase artesanais, como “*Lindenia*” e *Reichenbachia*, que perpetuaram orquídeas de outrora, muitas delas originárias do Brasil.

Podemos considerar que a influência das orquídeas brasileiras no exterior, divide-se em 2 etapas.

A primeira, compreende o século passado, quando grandes comerciantes da Inglaterra, França, Bélgica e de outros países, enviaram mateiros, floristas e botânicos, para colherem nossas orquídeas.

Estes aventureiros devastaram nossas reservas orquidófilas e levaram para o Velho Mundo milhares e milhares de exemplares.

Esta fase predatória, teve, no entanto, o seu lado positivo, pois graças a estes desbravadores muitas orquídeas brasileiras foram descobertas e classificadas, passando a ocupar o seu lugar no mundo botânico.

Como as nossas orquídeas eram de difícil adaptação às condições climáticas e ambientais da Europa, seu cultivo não obteve sucesso e grandes coleções se perderam.

Diante disso, houve um breve hiato no interesse pelas nossas plantas, permitindo que as nossas matas se re-

cuperassem e voltassem a ser novamente ricas em orquídeas, para nova leva de coletores.

Nos meados deste século tivemos novamente um período de predação, já então por grandes firmas e colecionadores brasileiros, que mandavam seus mateiros coletarem orquídeas de norte a sul, lotando caminhões, que levavam as plantas para seus orquidários, onde, após florescerem, eram selecionadas.

Esta prática, que, em princípio, pode ser condenável, foi de grande valia para oquidofilia brasileira, por ter salvo muitas espécies.

Na realidade, o que tem dizimado nossas matas são as queimadas e o tão decantado “progresso”.

Naquela época, os principais centros de atração eram São Paulo e Rio de Janeiro (ex-Distrito Federal), onde pioneiros orquidófilos começaram a realizar grandes exposições, travando disputas ferrenhas, cada qual procurando apresentar as flores mais perfeitas, surgindo, então, os clones famosos ainda hoje respeitados.

Estas disputas, inicialmente feitas por colecionadores abastados foram despertando o interesse de outros aficionados, dando origem às sociedades de hoje.

Os conceitos de reprodução foram sacudidos em 1922 com um acontecimento que revolucionou o mundo orquidófilo, pois Knudson, nos Estados Unidos, conseguiu reproduzir orquídeas num meio de cultura, sem depender do micorriza; estava criado, assim, o método assimbiótico.

Esta descoberta só veio a ser introduzida no Brasil muito mais tarde.

Com a adoção dessa forma de reprodução, as grandes firmas passaram a utilizá-la em larga escala, fazendo seus próprios cruzamentos, a partir de

* Rua D. Delfina, 114 — CEP 20.511 — Rio de Janeiro — RJ.

matrizes selecionadas, cujo produto é muito superior ao das plantas apanhadas nas matas.

Partindo desta descoberta, começou a surgir a 2ª etapa das orquídeas brasileiras no exterior, abolindo-se a comercialização de plantas coletadas, preservado, desta forma, o nosso patrimônio ecológico.

Algumas firmas e pessoas abnegadas têm divulgado o nome do Brasil pelo mundo a fora, levando plantas para exposições, participando de encontros e conferências internacionais, marcando uma nova era para orquidofilia brasileira.

Esse esforço foi coroado de êxito, pois o Brasil foi escolhido para ser palco da Exposição Mundial de Orquídeas, a realizar-se em São Paulo em 1996. Além deste grande e marcante evento, tivemos a Exposição Internacional realizada em 1989, que se repe-

tirá em Setembro de 1991, também em São Paulo.

Devemos, pois, prestigiar o trabalho que está sendo feito por estes companheiros, começando a apresentar nossos cartões de visita, tornando conhecido alguns clones de nossas plantas, exibindo o Belo, que cultuamos.

Como todos sabem, sou amante e apaixonado pelas nossas *labiatas* e, como tal, não poderia deixar de dar destaque à nossa "Rainha do Nordeste Brasileiro" trazendo a público novas descobertas.

Há alguns anos, foi feita pela Florália uma sementeira da *C. labiata* Emilia, resultando um clone que muito se assemelha à planta-mãe, mas com pequenas diferenças e que recebeu o nome de Florália.

Como a considero digna de figurar na galeria das melhores *C. labiatas* var. lilás, passo a descrevê-la:

C. labiata



C. labiata Lindl. var. lilás (venoso) 'Florália'

Suas pétalas largas são perfeitas, unindo-se com um suave arqueamento, que lhe dá uma graça peculiar. Suas sépalas obedecem uma simetria muito

boa e mantêm um equilíbrio com os demais segmentos florais. Seu labelo é lindo e as veias solferinas que vemos, lhe dá um realce muito grande.



C. labiata Lindl. var. semi-concolor '15 de Março'

Dentro desta variedade poderemos considerá-la como uma excelente flor. Suas pétalas são muito bem armadas e quase se unem, encobrindo as sépalas. Estas são um pouco finas para o todo da flor mas não chegam a prejudicar o

seu visual. Seu labelo é muito bem formado, mas poderia ser um pouco maior, para manter uma melhor proporção com as pétalas. Apesar destes pequenos senões, reúne predicados que a distingue das demais.



C. labiata Lindl. var. rubra (íntegro) 'Perpétua'



C. labiata Lindl. var. *rubra* (integró) 'Pompeu'

Ambas as flores pertencem ao grupo das íntegras. Seu colorido é muito escuro, apresentando o labelo totalmente tomado por um purpúreo que dificilmente encontramos. Assim, apesar de não apresentarem uma forma dentro dos melhores padrões, merecem ocupar um lugar de destaque em nossas coleções.

'Perpétua' — labelo totalmente íntegro, sem manchas.

'Pompeu' — labelo íntegro com sombras amarelo-ouro cobre, nas fauces.

Finalizando, quero conclamar todos os orquidófilos do Brasil, de norte a sul, para divulgarem as maravilhas que estão ocultas em suas coleções, para que um dia os herdeiros orquidófilos conheçam as nossas "deusas".

As Variedades da *Laelia purpurata*

Osmar Tessmer*



Laelia purpurata var. *striata* 'Canto Grande'
Cultivo — Cláudio Deschamps

Na região sul do Brasil, habitat de eleição da *Laelia purpurata*, esta orquídea sempre foi e continua sendo a mais apreciada e a mais cultivada. E não é sem razão, pois esta espécie é lindíssima, apresentando flores com coloridos e formas magníficas, capazes de encantar o mais exigente orquidófilo. Além de sua beleza, a *L. purpurata* é também, entre as inúmeras espécies de orquídeas, uma das que mais variabilidade apresenta.

Sendo uma orquídea tão querida e com tantos atributos, é natural que, da mesma, seja conhecido grande nú-

mero de variedades. Foi com o intuito de registrar e divulgar as variedades, hoje aceitas pela orquidofilia sulina, e, também, para aclarar aspectos pouco conhecidos de orquidófilos de outras regiões, que foi preparado este trabalho sobre as variedades da mesma.

Para muitos orquidófilos falar sobre as variedades da *L. purpurata* sempre foi um assunto um tanto obscuro; já para os purpureateiros, esse tema não raro tem sido motivo de muita discussão. Atualmente, entre estes últimos, não tem havido muita polêmica sobre o assunto. A estabilidade dos regulamentos de exposição demonstra isto, o que pode ser um sintoma de que eles, hoje, reflatam um certo consenso sobre o assunto. Apesar desta possibilidade ser real é preciso registrar, a bem da

* Rua Geral do Campeche, 77 — Campeche — SC — 88.000.

verdade, que muitas variedades estão gradativamente desaparecendo das coleções e das exposições. Tal fato é devido à grande ênfase dada exclusivamente à forma ou à “armação” das flores. Neste aspecto, forçoso é reconhecer, os purpureateiros vem cometendo um pecado contra a preservação da *L. purpurata*. Por conta deste pensamento, clones de variedades raras e, às vezes, únicos, estão desaparecendo somente por não terem boa forma. É o caso de muitas russelianas, vinicolores, coeruleas e de variedades de forma como aquinóide, pelliaria e outras.

Fora dos Estados do sul do Brasil, as variedades (horticulturais) da *L. purpurata* são pouco conhecidas, do modo como serão apresentadas aqui.

Antes de apresentá-las porém, será esclarecedor falar sobre dois assuntos pertinentes. O primeiro diz respeito à diferença entre variedade no sentido horticultural e no sentido científico. O segundo assunto refere-se ao histórico das variedades horticulturais da *L. purpurata*.

Variedade no sentido científico toma em consideração diferenças típicas permanentes de qualquer parte da planta, inclusive da flor. Para a ciência porém, não são consideradas variedades as tonalidades diferentes de colorido e nem os desenhos diferentes do normal da espécie, formados pelos coloridos nas flores. Para os orquidófilos, porém, estes são os dois principais aspectos de interesse e são os determinantes das variedades horticulturais.

Em matéria de variedade, no sentido científico e horticultural, só há uma coisa em comum: serem permanentes. Assim, em nenhum caso, são aceitas como variedades formas diferentes decorrentes de modo de cultivo ou de mudança de ambiente.

Para melhor compreensão das variedades da *L. purpurata*, é preciso também conhecer um pouco da história dos atuais regulamentos de exposições adotados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

A coleta de *Laelia purpurata* na natureza iniciou-se após sua descoberta para a ciência, o que ocorreu em 1852, quando ela foi estudada a descrita por Lindley. A partir daí, foram retiradas de seu habitat enormes quantidades

desta orquídea, muito exportada, especialmente para a Europa, dando origem a um comércio nas regiões de origem que durou mais de 100 anos e perdurou até a década de 60. Muito foi exportado através do porto de Florianópolis, tanto que Hoehne, ao relatar sua visita à Ilha de Santa Catarina em 1927, em sua Iconografia de Orchidaceas do Brasil, escreveu que Florianópolis constituía-se no maior empório de orquídeas do sul do Brasil. E de orquídeas exportava-se *Laelia purpurata*, quase que exclusivamente. Imagine-se a enorme quantidade de plantas que daqui saíram durante este longo período.

Na época em que a *L. purpurata* foi intensamente coletada e avidamente colecionada nos meios orquidófilos europeus, muito foi escrito sobre a mesma e sobre suas variedades.

Em 1950, Ferdinand J. Krackowizer, orquidófilo associado ao Círculo Paulista de Orquidófilos, CPO, publicou o livro “Monografia da *Laelia purpurata*, suas variedades e seus híbridos”. Trata-se de uma obra invulgar e que deve ter exigido do autor enorme dedicação, pois o mesmo coligiu todas as publicações sobre *L. purpurata* existentes à época e compilou-as no livro citado.

Na década de 1950, em Santa Catarina e especialmente no Rio Grande do Sul, talvez até estimulado pela publicação de Krackowizer, surgiu um inusitado hábito de colecionar raridades da *L. purpurata*. Tal costume, adotado por quase todos os orquidófilos, fez surgir um número muito grande de novos orquidófilos e todos coletavam *L. purpurata* em grandes quantidades com o objetivo de encontrar variedades novas.

Nas exposições daquela época, toda *L. purpurata* que apresentasse qualquer detalhe diferente na flor era considerada pelo seu proprietário uma nova variedade. Com isto, sendo a planta única, como quase sempre acontecia, ficava estabelecido o monopólio da variedade e, o que era mais importante, não havia competidores naquela nova variedade.

Como os prêmios fossem então disputadíssimos, esta era uma forma de assegurá-los de antemão.

Só para exemplificar, em Florianópolis, eram muito cobiçadas as variedades russelianas e entre os colecionadores havia um que se orgulhava de possuir 17 variedades da mesma. Este gosto e esta maneira de colecionar começaram a gerar dificuldades nos julgamentos das exposições, pois cada colecionador, como o que tinha 17 variedades de *L. purpurata* var. *russeliana* queria um julgamento à parte para cada planta, já que as considerava de variedade diferente das demais e injusto que competissem entre si, só como russelianas.

Surgiu, por esta razão, a necessidade de criar regulamentos para as exposições, com definição clara das variedades, estabelecendo assim quem competia com quem. A referência que havia na época era a publicação de Krachowizer, onde eram citadas 220 variedades.

Havia também necessidade de estabelecer "variedades" bem caracterizadas e uma forma de desconsiderar pequenos ou mínimos detalhes como geradores de novas variedades.

Este trabalho foi feito no Rio Grande do Sul pela Federação Gaúcha de

Orquidófilos. Através de várias reuniões e encontros, as variedades foram discutidas e definidas e elaborado um regulamento. Com o tempo, este regulamento sofreu várias alterações e aprimoramentos. Em Santa Catarina, ele foi introduzido, pelo autor, em 1976, tendo então sido adaptado à situação catarinense que difere nalgumas "variedades" daquele dos gaúchos, como acontece com a Canhanduba e a Josephinae.

A partir de 1980, com a realização da 1ª Exposição Estadual, em Florianópolis, este regulamento começou a ser adotado em praticamente todo Estado.

As variedades apresentadas adiante são basicamente as constantes do regulamento da FCO (Federação Catarinense de Orquidofilia).

Neste regulamento as variedades são divididas em dois grupos. O primeiro grupo reúne todas as variedades de colorido e o segundo reúne as variedades originadas pelo desenho formado pelo colorido nas peças florais, particularmente no labelo.

A organização das variedades da *L. purpurata* é, portanto, a seguinte:



Poderiam ser consideradas outras variedades como as que reuniriam características de colorido e de desenho.

Neste grupo ficariam, por exemplo, as russelianas-oculatas, roxo-violeta-áurea etc... O regulamento da FCO entretanto, não considera este grupo, para não estender em demasia o número de variedades.

Para evitá-lo, estabelece-se que a forma de colorido prevalece sobre o colorido. Assim, uma ardósia-striata será considerada e julgada com as striatas e não com as ardósias. Já o regulamento da FGO considera algumas variedades neste grupo como russeliana semi-alba e russeliana colorida.

Os regulamentos, tanto o gaúcho quanto o catarinense, não consideram também o que poderia ser um quarto grupo com as variedades decorrentes de mudanças na forma da flor. Tal fato é compreensível, pois poucas plantas são conhecidas. Cabe, entretanto, citar as três conhecidas, por serem raras e muito curiosas.

Conhece-se somente um clone de cada uma delas.

— *Pelloria* — nesta variedade o labelo apresenta-se como uma pétala; é também chamada de tripétala.

— *Boneca* — a mais conhecida das três. Sua característica é não ter labelo, apresentando-se a coluna totalmente desnuda.

— *Aquinóide* — uma trilabelo, planta única, pouco conhecida e da qual é conhecido somente um clone, apelidado, em Santa Catarina, de *Flamea do Mato*.

Após todas estas explanações vamos descrever as variedades já citadas.

Alba — esta variedade apresenta sépalas, pétalas e labelo totalmente brancos; a fauce pode apresentar-se com amarelo, que vai do claro até ao amarelo gema.

Ardósia — esta variedade caracteriza-se por apresentar o colorido cinza-chumbo típico da rocha denominada ardósia. Nesta variedade as sépalas e pétalas apresentam-se normalmente brancas ou levemente tingidas de cinza-chumbo e em alguns clones levemente estriados nas pétalas. O nome é originário da cor dessa rocha.

Canhanduba — esta variedade distingue-se pela presença do colorido li-

lãs-framboeza que apresenta no labelo; sépalas e pétalas normalmente brancas ou ligeiramente tingidas do mesmo colorido. A denominação *Canhanduba* provém da localidade onde foram encontrados todos os clones desta variedade, no Município de Camboriú.

Cárnea — a característica desta variedade é o colorido avermelhado no labelo, lembrando a cor de carne fresca, donde provém o nome. Este talvez seja um dos mais belos coloridos da purpurata.

Coerulea ou *Caerulea* — labelo apresentando o colorido cinza-azulado é a característica desta variedade. As sépalas e pétalas são normalmente brancas ou delicadamente azuladas. O nome da variedade deve-se ao colorido que lembra o azul do céu (cerúleo — cor do céu).

Josephinae — o colorido do labelo é rosa pêssego nesta variedade, sendo a fauce de amarelo intenso e as estrias, nítidas de cor clara; as sépalas e pétalas são levemente coloridas ou brancas.

Roxo-bispo — o colorido do labelo apresenta-se roxo-avermelhado “bispo” nesta variedade. As sépalas e pétalas são brancas ou tingidas ou estriadas com a mesma cor. Este nome originou-se da cor do manto usado pelos bispos da Igreja Católica. Há alguns anos atrás usava-se também o nome “santo de bispo” em Santa Catarina.

Roxo-violeta — o labelo nesta variedade apresenta-se com o colorido roxo-violeta ou azul-marinho escuro, quase preto. Sépalas e pétalas brancas ou apresentando tons azulados. É conhecido um clone striato desta variedade, com as estrias azuladas.

Russeliana — Nesta variedade o labelo tem o colorido rosa, mais ou menos intenso. As sépalas e pétalas podem ser brancas, levemente ou intensamente coloridas de rosa. O regulamento da FCO e da FGO dividem as russelianas em semi-albas e coloridas.

Tipo — o labelo apresenta a cor púrpura típica da espécie; as sépalas e as pétalas apresentam-se mais ou menos rosadas.

Vinicolor — na variedade vinicolor o labelo apresenta a cor de vinho tinto, enquanto as sépalas e as pétalas podem se apresentar brancas ou tingidas da mesma cor.

Nossas Orquídeas Menores

Cirrhea Lindl. (Final) Clima e Distribuição Geográfica



Cirrhaea silvana

Foto e cultivo: V. Paiva Neto.

As *Cirrhaea* são plantas tipicamente brasileiras, encontradas na Mata Atlântica desde o Rio Grande do Sul até a Bahia.

Este gênero, sem exceção, é encontrado em regiões bastante úmidas, tanto nas partes mais altas da Mata Atlântica, sujeitas a chuvas constantes e à formação de neblina (sobretudo ao amanhecer e no final da tarde), bem como ao nível do mar nas regiões sujeitas a alagamentos periódicos. Toda esta região, — principalmente a parte setentrional — sofre a ação de anticiclones polares e pode apresentar temperaturas de até alguns graus abaixo de zero, nas partes mais altas, no período de inverno.

As *Cirrhaea* são plantas que necessitam de pouca luminosidade, vivendo

sempre nas partes baixas das árvores e muitas vezes no solo como plantas humícolas, com luminosidade em torno de 20 a 30%.

Distribuição Geográfica

C. dependens: Encontrada nas matas úmidas, desde o Estado de Santa Catarina até o Rio de Janeiro.

C. loddigesii: Encontrada na região litorânea em pequenas elevações de até 300 metros de altitude, nos Estados que se estendem desde o Rio Grande do Sul até o Espírito Santo.

C. nasuta: Esta espécie do Estado do Espírito Santo é encontrada nas encostas próximas às nascentes dos rios nas montanhas.

C. longiracemosa: Embora seja citada para os Estados de Paraná e Santa Catarina, os exemplares conhecidos são procedentes do Espírito Santo e, também, do sul da Bahia.

C. saccata: É encontrada nas regiões

* Círculo Paulista de Orquidófilos
Rua Álvares Machado, 41 — 20º and. — Conj.
B-C-D — São Paulo — SP.

litorâneas desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro.

C. seidelii: Também esta espécie é do Espírito Santo, das matas ciliares nas regiões montanhosas.

C. silvana: Trata-se de uma nova espécie que ocorre nas regiões montanhosas do Sul da Bahia.

Cultivo

As *Cirrhaea* sendo plantas de regiões bastante úmidas da Mata Atlântica requerem para seu bom desenvolvimento um ambiente saturado de umidade. Quanto à luminosidade deve-se cultivá-las em ambientes com 20 a 30% apenas da luz ambiental. Um melhor acondicionamento se obtém cultivando este gênero em locais úmidos bastante sombreados. Tem-se conseguido bons resultados posicionando-se os vasos das *Cirrhaea* pendurados em camadas situadas abaixo dos vasos das outras plantas, de maneira que se reduz a intensidade de luz que incide sobre elas.

As regas, através de gotejamento, possibilitam manter o substrato sempre úmido e as folhas secas, diminuindo a ação de fungos. Uma lavagem periódica nas folhas faz-se necessária para melhor limpeza. Quanto ao substrato te-

mos usado somente xaxim desfibrado, de modo que não podemos opinar sobre outros. Como o meio está permanentemente úmido, acidificando com rapidez, recomendamos trocar o substrato a cada dois anos.

Uma adubação constante com adubo foliar é recomendável. Adubos orgânicos (torta de mamona, farinha de ossos, esterco curtido) também podem ser aplicados em pequena quantidade, porém lembremos que o substrato tende a acidificar mais rapidamente e possibilita também a maior proliferação de fungos.

As pragas que atacam as outras orquídeas também o fazem nas *Cirrhaea* e como estas são cultivadas em ambiente bastante úmido é freqüente que os vasos hospedem uma boa quantidade de lesmas, caracóis e tatuzinhos o que deve ser combatido imediatamente após serem descobertos. As iscas à base de metaldeído podem ser usadas, porém para que funcionem deve-se deixar secar bem o vaso e após a aplicação das iscas deixá-los sem molhar por 24 horas. Os pulgões e cochonilhas podem ser facilmente eliminados com os inseticidas usuais. Os fungos podem ser controlados adicionando-se um fungicida não sistêmico às adubações periódicas.

Perguntas e Respostas

Desde que vi pela primeira vez uma foto de uma *Vuylstekeara* fiquei fascinada. Gostaria de saber se já existe no Brasil e onde encontrá-la.

Dinamar E. Drummond Brandão
Villa Velha — Espírito Santo

Existem alguns orquidários na região serrana do Rio que cultivam *Vuylstekearas*. Como terá lido, no texto a que se refere, é necessário ter um certo cuidado pois essas plantas ainda não são muito tolerantes a climas mais quentes. Aquelas em cuja hibridação entraram *Miltoniopsis* colombianas, precisam de estufa fria. Já algumas das *Vuylstekearas* resultantes de cruzas com *Miltonias* brasileiras se adaptam bem a climas como os de Petrópolis e Teresópolis. Caso o seu local de cultivo tenha condições climáticas semelhantes aos dessas cidades, poderá cultivá-las com alguns cuidados.

Roberto Agnes

Sobre Semeadura

Li o artigo “Semeadura sem uso de capela” e quero, a título de consulta, formular algumas questões:

- Fiz diversas semeaduras e, apenas, uma germinou e, assim mesmo, com três plântulas. Atribuo mais ao meu processo de esterilização de sementes do que a infertilidade das sementes.
- Posso esterilizar com água oxigenada 20 vol. e deixar de fazer a segunda lavagem recomendada no artigo?
- Não encontrei aqui cloro de cal — como conseguir? Tem outro nome?
- A gelósia deve ter consistência mole? Usando as dosagens indicadas obtive consistência semilíquida. Penso que deveria ficar como pudim.
- A precisão das medidas, agar, açúcar, tomate é importante ou pode ser “a olho”?
- Onde deixar os vidros? Pouca clareza — no orquidário, com 50% ou 70% de luminosidade?

Silvio Romero Fonseca Lima
Recife — PE

- Quanto à pouca germinação existe a possibilidade de a causa ser efetivamente a esterilização com solução muito forte do produto que você tenha usado (não tendo você indicado o que usou, e como, fica difícil opinar), como, também, baixo percentual de sementes férteis na cápsula, o que não é incomum.
- Existem notícias de uso de água oxigenada como esterilizante. Aliás, em recente estudo biográfico de Knudson, o pai da assimbiótica, escrito por Joseph Arditti para um número especial da Lindleyana/AOS, o autor faz menção a experimentos com peróxido para esterilização, que são contra-indicados inclusive pela sua nocividade. Nada posso, pessoalmente, dizer-lhe já que nunca fiz uso desse modo.
- O cloro de cal, quando em solução, como a indicada, chama-se hipoclorito de cálcio e não é difícil de encontrar em bons fornecedores de produtos químicos. É voz geral ser este o melhor dos esterilizantes, inclusive por seus efeitos sobre a semente, facilitando a ruptura das películas externas e permitindo ao embrião alimentar-se dos nutrientes, como observou Knudson e é confirmado por autores atuais como o já citado Arditti. Sem os mesmos resultados, pode usar-se água sanitária de boa qualidade (solução a 10%, ou seja, 9 partes de água para 1 de água sanitária), ou hipoclorito de sódio que é o cloro de piscina (10g x 140cc de água).
- Sobre a consistência da gelósia. O problema pode ter estado na medida “a olho” ou então má qualidade do agar usado, ou, ainda, cozedura excessiva, no preparo, ou no tempo de panela-de-pressão, o que determina perda de viscosidade impedindo a solidificação. Mais do que um pudim, quando a preparação está correta, a gelósia deve formar o que costumamos chamar de “bolacha”.
- Sobre as medidas. É claro que não há necessidade de balança de alta precisão, mas as balanças comuns, como as dos ourives, são de enorme utilidade.

- No artigo fiz algumas indicações, sumárias, sobre luminosidade, que deve ser sempre menor do que a que damos às plantas comuns e, até mesmo, a seedlings. Uma boa dica, aliás, é semear mais de um frasco e dar diferentes intensidades de luz, observando o comportamento das sementes. Costumo, com todas, nas 2 primeiras semanas, deixar em quase total

obscuridade. O lugar menos adequado para armazenar frascos é o orquidário, que tem luz demais e excesso de umidade, o que pode, pelas regas, acabar eliminando a pressão interna dos frascos, abrindo as "portas" para contaminação.

Raimundo Mesquita



PESSÔA ORQUÍDEAS m.e.

CLÁUDIO PESSÔA

Espécies • Híbridos • Meristemas
phalaenopsis, dendrobium,
cymbidium, dendrobium-phalaenopsis

Seedlings de espécies e
híbridos de cattleya
divisões de meristemas
estrangeiros

Lista gratuita
Escreva para Cláudio Pessoa
Rua Álvaro Alvim, 31 — 14º andar
CEP: 20031 — Rio de Janeiro

